

as nove vidas de
rose napolitano
donna freitas

Tradução de Ana Mendes Lopes

*Para a minha mãe,
que me deu esta vida*



2 DE MARÇO DE 2008

ROSE, VIDA 3



Ela é linda.
Estou deslumbrada com a sua perfeição. Com o aroma inebriante da sua pele.

— Addie — suspiro. — Adelaide — tento novamente, num murmúrio débil que paira no ar estéril. — Adelaide Luz.

Aproximo a cabeça pequenina do meu nariz e inalo, demorada e ansiosamente, ignorando a dor aguda que sinto no abdómen. Sorrio enquanto admiro a penugem suave do seu cabelo.

Como resisti em ter esta pequena criança nos meus braços! Antes de ter engravidado e dado à luz, falava sem pudor sobre a pressão de ter um filho — resmungava com o Luke, com a minha mãe, com a Jill, com quem me quisesse ouvir. Com um desconhecido que se sentou ao meu lado no metro, com um homem desprevenido que encontrei no passeio. Estava. Tão. Zangada.

Mas agora?

A neve cai em flocos húmidos contra a janela do quarto de hospital e tudo em meu redor se compõe em tons de cinzento sob a luz difusa. Inclino-me um pouco para a esquerda, à procura de uma posição melhor. A temperatura baixa e a neve transforma-se numa camada espessa e seca como pasta de papel. Ela dorme.

Os meus olhos pousam sobre os seus.

— Como posso algum dia não te ter querido? — murmuro para a orelha minúscula e encaracolada como a concha de uma pérola. — Como

pode ter havido uma vida em que tu e eu nunca nos conhecemos? Se essa vida existe, não quero vivê-la.

As suas pálpebras estremecem, pálidas, com veias transparentes; o nariz, a boca e a testa enrugados.

— Ouviste o que eu disse, minha doce menina? Devias ouvir apenas a segunda parte, em que a tua mãe te diz que não quer uma vida onde tu não estejas. É tudo o que precisas de saber.

PARTE UM



ROSE, VIDA 1

Um



15 DE AGOSTO DE 2006

ROSE, VIDA 1

O Luke está de pé junto ao meu lado da cama. Ele nunca vai para o meu lado da cama. Tem um frasco de vitaminas pré-natais na mão. Estende-me o frasco.

Abana-o, o plástico faz barulho.

O som é pesado e rouco porque o frasco está cheio.

É este o problema.

— Prometeste — diz ele, lento e inexpressivo.

Oh, bolas. Estou em sarilhos.

— Às vezes esqueço-me de as tomar — admito.

Ele volta a abanar o frasco e o som é semelhante ao de uma maraca grave.

— Às vezes? — A luz que atravessa as cortinas forma um halo em redor do tronco do Luke, a mão erguida com o objeto vil delineada pelo sol e a brilhar como uma oferenda.

Estou junto à porta do nosso quarto, a caminho de ir buscar roupa à cómoda e ao roupeiro. Coisas mundanas. Roupa interior. Meias. Um top e umas calças de ganga. Como em qualquer outra manhã. Teria colocado a roupa sobre um braço e ido para a casa de banho, para tomar um duche e vestir-me. Em vez disso paro, cruzando os braços sobre o peito, sentindo o coração mutilado com mágoa e raiva.

— Contaste os comprimidos, Luke? — A minha pergunta é uma frente fria no ar húmido de agosto.

— E se tivesse contado, Rose? E se o tivesse feito? Podes culpar-me?

Viro-lhe as costas, preparo-me para abrir as gavetas grandes que guardam a roupa interior, os sutiãs, os tops, as combinações, procuro por entre as peças e perturbo a ordem das roupas, sentindo que tudo está cada vez mais descontrolado. O meu coração começa a bater com força.

— Tu prometeste — diz o Luke.

Pego no par das cuecas menos atraentes que tenho. Só me apetece gritar.

— Como se neste casamento as promessas valessem de grande coisa.

— Isso não é justo.

— É perfeitamente justo.

— Rose...

— Então não tomei os comprimidos! Eu não quero ter um filho. Nunca quis, não quero ter agora e não vou querer nunca. Tu sabias disso antes de ficarmos noivos! Disse-te mil vezes que não queria ter filhos! Disse-te um milhão de vezes!

— Disseste também que ias tomar as vitaminas.

— Só o fiz para ver se paravas de me atormentar. — As lágrimas ardem-me nos olhos à medida que o sangue pulsa furiosamente através do meu corpo. — Disse-o para ver se conseguíamos ter um pouco de paz nesta casa.

— Então mentiste-me.

Viro-me para ele. A roupa interior cai-me das mãos enquanto me dirijo para o outro lado da cama para enfrentar o meu marido.

— Tu juraste-me que não querias filhos.

— Mudei de ideias.

— Ah, ótimo. Claro. Então tudo bem. — Sinto-me em queda livre, estamos os dois a cair e não sei o que nos vai impedir de nos estatelarmos no chão. — Tu mudaste de ideias, mas a mentirosa sou eu.

— Disseste que ias tentar.

— Disse que tomava as vitaminas. Foi só.

— Mas não as tomaste.

— Tomei algumas.

— Quantas?

— Sei lá. Ao contrário de ti, não ando a contá-las.

O Luke baixa o frasco, segura-o entre ambas as mãos, prime a tampa e roda-a com a palma da mão. Espreita para o interior.

— O frasco está cheio, Rose. — Volta a olhar-me, a abanar a cabeça e a derramar sobre mim a sua desilusão.

Quem é este homem que está à minha frente, este homem que amo, com quem casei?

Mal consigo ver uma semelhança entre esta pessoa e aquela que costumava olhar para mim como se eu fosse a única mulher no Universo, como se encerrasse em mim todo o significado da sua existência. Adorava ser isto para o Luke. Adorava ser tudo para ele. Ele sempre foi tudo para mim, este homem de olhar suave e atencioso, com o sorriso mais aberto e amistoso do mundo, este homem que tinha a certeza de que ia amar para o resto dos meus dias na terra.

As palavras *Mas eu amo-te, Luke*, são como borboletas encurraladas dentro de mim, sem conseguirem encontrar a saída.

Em vez de desarmar esta bomba entre nós, expludo com um único movimento veloz, arranco o frasco da mão do Luke, o meu braço como um taco, e envio-o para o ar. Os comprimidos grandes e ovais transformam-se num arco de *skittles* verdes e feios que se espalham sobre o chão de madeira e os lençóis brancos da cama.

Este gesto deixa-nos a ambos petrificados.

Os lábios do Luke estão entreabertos, as extremidades aguçadas e limpas dos dentes da frente visíveis. Os olhos seguem o rasto dos comprimidos que se tornaram na representação do sucesso ou fracasso deste casamento, pequenas boias de salvação que eu devia ingerir para manter a nossa relação à tona. Espalhei-os e agora estamos a afundar-nos. O único som que se ouve no quarto é a nossa respiração. Os olhos do Luke estão arregalados. Traídos.

Ele acredita que fui eu quem o traiu, que a prova está no estúpido frasco de vitaminas.

Por que motivo não entende que foi ele quem me traiu? Que ao mudar de ideias em relação aos filhos está apenas a mostrar-me que eu, sozinha, não sou suficiente?

O Luke regressa à vida e encaminha-se para o canto do quarto para onde o frasco rebolou. Curva-se e apanha-o. Pega num comprimido do chão, depois noutro; segura-os entre os dedos antes de voltar a pô-los dentro do frasco. Os comprimidos tilintam ao cair.

E eu fico ali, a olhar para o Luke enquanto se debruça e se endireita vezes sem conta até cada uma das vitaminas pré-natais estarem de regresso ao seu lugar, mesmo aquelas que rebolaram para baixo da cama. O Luke tem de levantar a ponta do edredão para as ver e a seguir deita-se no chão, de braço estendido, para as apanhar.

Quando acaba, olha para mim com uma expressão acusatória no olhar.
— Por que razão tive de casar com a única mulher do mundo que não quer ter um filho?

Inspiro com força.

Pronto.

Aqui está. Aquilo que o Luke tem pensado este tempo todo, finalmente verbalizado para quem quiser ouvir. A questão não é que não quero ter filhos — isso ele sempre soube desde o início. O que me faz estremecer é o tom cristalino de arrependimento na sua voz, a maneira como me isola, como sendo única, e da pior maneira.

Fitamo-nos. Fico à espera de um pedido de desculpas que nunca chega. Sinto o coração a bater com força, a cabeça a mil com a pergunta do Luke, rematada pela minha própria. Por que razão não posso ser como o resto das mulheres que querem filhos? Porque não sou assim? Porque me fizeram desta forma?

Será este o resumo da minha vida até ela acabar?

Rose Napolitano: *Nunca foi mãe.*

Rose Napolitano: *Ela não quis ter filhos.*

O Luke olha para os pés. Apanha a tampa do frasco e fecha-o com um clique seco.

Estendo a mão para o frasco — estendo a mão para ele.

Dois



14 DE MARÇO DE 1998

ROSE, VIDAS 1-9

Não gosto que me tirem fotografias.
— Podes levantar os olhos do colo?
Os meus olhos, a cabeça, o queixo, todos recusam o pedido.

Sou o tipo de pessoa que foge de máquinas fotográficas, que se esconde atrás de quem estiver perto de mim. Que estende a mão para tapar a objetiva se alguém aparecer de repente à minha frente. Tudo isto são motivos pelos quais não devia estar aqui agora, a tirar um retrato com o meu chapéu e a capa. Onde estava com a cabeça?

— Hum, Rose?

Ouçõ passos. Vejo um par de sapatilhas azul-escuras, coçadas no dedo grande, com atacadores desfiados, a aparecer à minha frente. Inspiro profundamente, liberto o ar e levanto os olhos. O fotógrafo é novo, talvez da minha idade ou um ou dois anos mais velho. Pisca os olhos, morde o lábio e enrugam a testa.

— Desculpa — digo, com as mãos agitadas em cima do colo, sem saber se abro ou fecho os dedos. — Eu sou capaz de ser a pior pessoa que alguma vez fotografaste. — Desvio os olhos para o lado, na direção do espaço sombrio para lá deste cenário luminoso onde estou sentada, com o fundo cinzento atrás de mim. Há uma fila de caixas, daquelas que se compram quando mudamos de casa, encostadas à parede. Por cima há um casaco azul e o *stick* de hóquei está no chão ao longo do rodapé. — Isto foi uma ideia parva — continuo a dizer. — Pensei que... quero dizer, queria... mas depois...

— Querias o quê? — pergunta o fotógrafo.

Não lhe respondo, porque, na verdade, não me apetece falar com este desconhecido sobre aquilo que me invade o coração. Além disso, ainda estou a interiorizar a tralha espalhada por todo o lado. Isto deve ser a casa do fotógrafo. Ele chamou-lhe «estúdio», mas parece mesmo que vive aqui. Ou então que acabou de se mudar.

— O que querias? — insiste ele.

Há qualquer coisa no som da sua voz — um tom gentil e paciente — que me dá vontade de chorar. Toda esta situação dá-me vontade de chorar.

— Eu não devia estar aqui, não sou boa nestas coisas. — E agora começo mesmo a chorar. — Que vergonha. Não gosto que me tirem fotografias. Desculpa, peço imensa desculpa. — Choro ainda mais, enquanto a minha feminista interior ralha comigo por estar a pedir desculpas desta maneira.

O fotógrafo — não me lembro do nome dele (Larry? Não. Lou? Talvez.) — agacha-se ao lado da minha cadeira e os nossos olhos ficam quase ao mesmo nível.

— Não te preocupes com isso. Há muita gente que não gosta de tirar fotografias. Mas estás a chorar por causa do retrato ou por outro motivo?

Observo este homem, a forma como o joelho se comprime contra o rasgão nas calças de ganga, a forma como o corpo oscila ligeiramente nesta posição. Como sabe ele que não estou a chorar por causa da fotografia? Terá também pressentido que choro por causa dos meus pais, que por vezes têm dificuldade em entender as escolhas que faço, a mulher em que me tornei depois de adulta?

Cruzo os braços e pressiono-os contra o peito. Esta capa preta com debruado de veludo é espessa e rija. Aposto que se a tirasse e pousasse ela se aguentava de pé sozinha. Tiro o chapéu da cabeça e abano-a para soltar o cabelo. Deve estar com um aspeto horrível, depois de ter aguentado com o peso deste chapéu, também ele de veludo e do mesmo azul do vestido. Quando chegou pelo correio fiquei tão entusiasmada. Era o símbolo de tantos anos de trabalho árduo, do doutoramento que estou quase a receber oficialmente, no dia da formatura, em maio. Tenho um doutoramento em Sociologia, um grau que me vai transformar de Rose Napolitano em Professora Napolitano. Doutora Napolitano.

— Aquela fotografia ali é de quem? — pergunto ao fotógrafo, em vez de lhe responder. Aponto para a fotografia, estendendo o braço para a direita.

Há uma grande fotografia pendurada na parede por cima da fila de caixas. Considerando o aspeto transitório de todo o espaço, aquela fotografia

parece deslocada — como algo fixo e permanente. Tem duas pessoas, um homem e uma mulher, lado a lado num alpendre, cada um com um livro aberto à sua frente. As expressões nos seus rostos são tão vivas, tão dedicadas, como se as palavras nos livros fossem as mais excitantes alguma vez escritas.

O fotógrafo vira-se na direção do meu dedo e solta uma risada.

— São os meus pais. Tirei esta fotografia quando tinha dez anos. Acabara de receber a minha primeira máquina fotográfica como presente de aniversário. Andava a tirar fotografias a tudo o que me rodeava — às flores, às folhas de relva, aos veios da madeira do chão da sala — era muito artístico.

Vira-se, olha para mim e encolhe os ombros. Revira os olhos.

Os olhos dele são verdes, salpicados de castanho.

— Também tirei uma série de fotos excelentes ao nosso cão.

Rio-me um pouco. Sinto alguma da tensão a desaparecer.

— E aquela...?

— Sim, certo. — Desta vez não se vira. Fica com o olhar fixo em mim.

— Bem, aquela fotografia... eu estava a chegar a casa. Havia uma borboleta-monarca a esvoaçar entre a erva e comecei a persegui-la, queria tirar a fotografia perfeita. — Tapa os olhos com as mãos.

Dou por mim com vontade de lhe segurar as mãos, de as afastar do rosto, de tocar na sua pele suave cor de azeitona. Não quero que ele fique envergonhado.

As mãos caem-lhe sobre os joelhos e abana ligeiramente a cabeça.

— Eu era tão totó quando era miúdo. Então, estava ali, com as calças de ganga cheias de relva, cansado, transpirado e, de repente, olhei para cima e vi os meus pais a ler no alpendre. E consegui ver qualquer coisa no rosto deles — algo que tinha de conseguir captar. Parei, levantei a máquina e tirei uma única fotografia. — Sorri.

— Aquela?

Ele levanta-se novamente. É tão alto.

— Sim. Foi esta imagem que me fez querer ser fotógrafo. Quando a vi, percebi logo. A minha mãe mandou emoldurá-la, para eu me lembrar sempre de quem sou e do que quero fazer, mesmo quando as coisas são mais difíceis. Não é muito fácil começar um negócio. — Dá uma palmadinha afetuosa na máquina fotográfica que está ao seu lado e volta a encolher os ombros.

Inclino um pouco a cabeça, a observá-lo.

— Obrigada por me contares essa história.

Ele assente.

— Obrigado por me perguntares sobre a fotografia. — Bate o pé. — Agora é a tua vez.

— A minha vez?

— Conta-me o que se passa aqui. Eu contei-te uma história, por isso agora tens de me contar uma também; por que razão estás aqui, de verdade?

— Hum.

— Hum, sim. Então?

— Hum, está bem. Tudo bem.

Ele atravessa a sala para ir buscar uma cadeira, coloca-a ao lado da minha e senta-se. Inclina-se para a frente.

— Tenho muito tempo. És a minha única marcação para hoje.

Inspiro profundamente.

— Antes de te contar, tenho mais uma pergunta.

— Tudo bem, força.

Fico com o rosto corado. Levanto-me e abro o fecho da capa de graduação antes de voltar a sentar-me. Isto é tão quente que me sinto a derreter.

— É constrangedor.

Ele arqueia as sobrancelhas.

— Esqueci-me do teu nome e, já que estamos a contar histórias de vida um ao outro, acho que talvez devêssemos saber os nossos nomes. Sei que não é Larry. Mas... é Lou, talvez?

Ele volta a sorrir e a rir — tem uma gargalhada tão bonita, grave, mas cheia, como se gostasse mesmo de se rir, como se o seu riso fosse fácil.

— Bem, Rose Napolitano, a minha única marcação do dia, concordo que devíamos saber os nomes um do outro. Como já sei o teu, acho justo saberes o meu também. — Estende a mão e aceito-a.

Sinto o toque dele na minha pele, um frémito que me percorre por inteiro.

— Sou o Luke.

Três



15 DE AGOSTO DE 2006

ROSE, VIDA 1

A minha mão paira no ar, vazia, a tentar alcançá-lo. Em vez de me dar o frasco, em vez de aceitar a minha mão, o Luke volta a pôr as vitaminas na mesa de cabeceira onde normalmente as guardo, atrás da pilha de romances que tenho ao lado da almofada. Está calado.

Argumento em minha defesa:

— Estou a tentar, Luke. Estou mesmo. — Deixo cair o braço e deixo a pergunta do meu marido por responder. Quero apagá-la, escondê-la amontoando outras palavras em cima até que nenhum dos dois se lembre dela. — Mas às vezes esses comprimidos dão-me dores de estômago e sabes que não consigo trabalhar se estiver maldisposta. Não posso ir para as conferências, não consigo fazer as entrevistas de investigação... — Espero que ele se junte à conversa, que me ajude a navegar para longe deste lugar perigoso para onde a discussão nos trouxe.

Nós conseguimos resolver isto. Os meus olhos imploram.

O Luke hesita, por um breve segundo, e deposita toda a minha esperança numa única inspiração.

Mas depois ele semicerra os olhos.

— Já não quero saber do teu trabalho, Rose. Estou cansado de te ouvir falar dele e de como não podemos ter um filho por causa da tua profissão.

Cá está ele novamente. Exposto. O problema que não conseguimos resolver.

O meu impulso para tentar consertar tudo cai por terra. Fito-o furiosamente também.

— Não é só por causa do meu trabalho que não quero ter um filho e tu sabes bem disso. Não quero um filho, porque nunca quis ser mãe e é um direito que tenho! Mas, caramba, Luke, é assim tão errado adorar o meu trabalho? Por que razão é tão errado fazer dele a minha prioridade? O que há de tão errado assim em *mim*?

— O que há de errado é o facto de gostares mais da tua carreira académica do que gostarias de um filho, mesmo que tivéssemos um! O que há de errado é que um filho viria sempre em segundo lugar para ti. Não sei por que motivo alguma vez pensei que pudesse ser diferente.

— Oh, até parece que não adoras ser fotógrafo. Mas como és homem, tens todo o direito de ser feliz na tua profissão e ser obcecado pelo trabalho.

O Luke pressiona as mãos nas têmporas, os cotovelos espetados em ângulos retos.

— Acaba com essas tretas feministas. Estou cansado de as ouvir.

— Então, para tu também de declamar as palavras dos teus pais!

Ele deixa cair as mãos, fechando-as em punhos.

— Tudo bem. De qualquer maneira, também já estou cansado de te defender à frente deles.

Cerro os dentes.

Os pais do Luke gostavam que ele tivesse casado com outra pessoa, alguém tradicional, que desistisse de toda a sua vida para ser mãe. Alguém que pusesse um bebé à frente da carreira. É uma discussão constante entre o Luke e os pais — o que quer dizer que é uma discussão constante entre nós também.

No ano passado, quando soube que passei a pertencer aos quadros, liguei ao Luke do meu gabinete e ele disse todas as coisas certas, que íamos jantar fora e beber um copo para festejar. Mas quando cheguei a casa, ele estava ao telefone com o pai e não me ouviu entrar.

— Sim, pai, eu sei, eu sei — dizia o Luke. — Mas a Rose...

Parei de me mexer, com a porta da frente ainda por fechar. Mantive-a aberta para não fazer barulho e o Luke pensar que continuava sozinho em casa.

— Sim, eu sei, mas a Rose está a começar a aceitar. Assim que tiver um filho ela sossega.

Seguiu-se uma longa pausa.

Senti dores no peito, nas costelas, no coração atrás delas. Se houvesse

um copo por perto, um prato, qualquer coisa quebrável, tinha pegado nela para a atirar para o chão. Só me apetecia gritar.

Até que o Luke voltou a falar.

— Eu sei que achas que o trabalho virá sempre primeiro, mas eu penso que um bebé vai fazê-la mudar. — Pausa. — Sei que não concordas, mas gostava que lhe desses uma oportunidade. — Pausa. — Pai, ela está cansada de ouvir falar disso. — Mais uma pausa, depois um suspiro pesado de frustração do Luke, seguido por uma explosão enfurecida: — Para com isso, pai, por favor!

Um livro caiu da minha pasta demasiado cheia e bateu no chão com um baque sonoro.

— Rose? — chamou o Luke. — És tu?

Fechei a porta com força e tentei fazer parecer que tinha acabado de entrar.

— Sim, cheguei! Estou pronta para irmos beber um *cocktail*!

— Tenho de desligar, pai — disse ele. Quando entrei na sala, ele já tinha desligado e pousado o telemóvel na mesa.

Observou o meu rosto.

Eu observei o dele. O Luke estava corado.

— Olá. — Tentei fazer um sorriso feliz, recuperar a excitação que me inundara durante toda a tarde, desde que recebera a boa notícia. Queria aquela sensação boa de volta. Senti que estava a ser enganada, que o meu momento fora arruinado pela conversa do Luke com o pai.

— Quanto desta conversa ouviste? — perguntou ele.

Acabei com o sorriso falso.

— O suficiente. Demasiado.

— O que achas que ouviste?

Pousei a pasta numa cadeira.

— Não me faças isso, Luke. Sei perfeitamente do que vocês estavam a falar.

— Diz-me.

— Foi só mais uma versão da conversa que tens sempre com os teus pais. Que, como não quero ter um filho, sou uma mulher má, deficiente e que serei sempre assim.

— Não era isso que estávamos a dizer.

— Está bem. Também ouvi como o meu marido se recusa a enfrentar os pais e dizer-lhes para não meterem o nariz no casamento dele, para pararem de dizer mal da sua mulher!

— Eu defendi-te.

— Defendeste, mas por que motivo tens de o fazer? Por que razão os teus pais têm uma palavra num assunto que diz respeito apenas ao nosso casamento? Não é da conta deles!

— Estou a fazer o melhor que posso. Sabes como eles têm uma opinião forte, são os meus pais e amo-os!

— Bem, sabes que eu também tenho uma opinião forte, sou a tua mulher e *amo-te!* — Arranquei o cachecol do pescoço e atirei-o para cima da mesa.

O Luke inspirou e expirou.

— Sabes que também te amo.

Tiro os sapatos com um gesto brusco e caem com ruído sobre o chão.

— Também disseste aos teus pais que eu tinha mudado de ideias em relação à questão dos filhos.

O Luke pegou no cachecol e começou a dobrá-lo, pressionando a mão contra o tecido delicado. Tinha-mo oferecido no ano anterior e era o meu cachecol favorito. Estendeu-mo.

— Estava só a tentar fazer com que sossegassem um pouco — disse calmamente.

Não peguei no cachecol. Nem me mexi.

— Rose, por favor — disse ele. — Não vamos fazer isto hoje. Devíamos estar a celebrar este feito extraordinário na tua vida. Vamos sair e pronto.

Os meus olhos endureceram, tudo em mim se tornou mais empedernido. Os músculos, as células, os braços e as pernas, o rosto principalmente; fiquei petrificada onde estava, a olhar para o meu marido com algo parecido com ódio. Talvez fosse ódio. As primeiras sementes hediondas. Sementes que iam crescer cada vez mais e formar trepadeiras onde ambos sufocaríamos.

— Não sei porquê, mas hoje já não estou com disposição para celebrar nada, Luke.

— Não sejas assim.

— Assim como — uma má mulher? Uma mulher difícil? Uma mulher *zangada?*

A minha voz, o tom, elevou-se até estar a gritar. A única coisa que queria era ficar ali a gritar. Queria soltar um interminável grito de fúria que libertasse o sentimento reprimido que parecia toldar tudo na minha vida. Queria deixá-lo sair, exorcizá-lo, mas não o fiz.

Em vez disso caminhei em direção ao quarto com passos pesados,

como se fosse uma criança petulante, abri e fechei portas e gavetas enquanto tirava a roupa do trabalho e vestia calças de fato de treino e aquelas meias grossas e feias que também servem de pantufas.

Muitos parabéns para mim, pensei, furiosa.

— ISTO É IMPOSSÍVEL — DIZ AGORA O LUKE, QUEBRANDO O silêncio que se instalou entre nós. — Tu és impossível.

Observo enquanto ele passa por mim para sair do quarto, ouço os seus passos a atravessar a sala de estar, os pés descalços sobre as tábuas de madeira. Escuto-o a abrir o armário dos casacos no corredor do apartamento. Quando volta, os seus passos são seguidos pelo barulho baixo e constante de rodas. Uma mala de viagem.

Passa por mim uma segunda vez, a arrastar a mala atrás de si; é a maior mala que temos, costumamos até brincar e dizer que é suficientemente grande para levar um cadáver. Para em frente às gavetas onde guarda a roupa, dobrada, primorosamente organizada, ao contrário das minhas, que estão a transbordar, pijamas e sutiãs misturados e enrolados em bolas, num *cocktail* de sedas e cetins. Levanta a mala para cima da cama, ouço o som do fecho a contornar a abertura, seguido pelo deslizar e o som surdo das mãos dele a abrir uma gaveta de madeira; as mãos que adorava sentir sobre a minha pele, embora não as sinta há algum tempo, começam a tirar pilhas de *t-shirts*, calças de ganga, *boxers* e a guardá-los na mala aberta. O Luke esvazia uma segunda gaveta, depois uma terceira; meias, mais *boxers*, seguidos pelas camisas e camisolas que estão no armário, até não restar espaço para mais nenhuma peça de roupa, para mais nenhum pedaço do Luke. Ele guardou tudo o que consegue levar.

O seu olhar nunca se cruza com o meu.

Os meus olhos desviam-se para a fotografia que está em cima da mesa de cabeceira do Luke. É minha e tenho a cabeça inclinada para trás, a boca aberta numa gargalhada. A neve brilha sobre a camisola grossa cinzenta e no meu cabelo escuro — o Luke tinha acabado de me surpreender com uma bola de neve. Tirou esta fotografia no dia em que ficámos noivos. É a sua fotografia favorita de mim.

Agora não lhe toca, nem olha para ela.

Penso nas outras fotografias que me tirou, a mim, a nós, de como me transformou de uma pessoa que detestava tirar fotografias noutra que é capaz de apreciar o momento — bem, desde que seja ele o fotógrafo. Penso na

primeira vez em que me fotografou, como uma sessão fotográfica que devia ter durado meia hora se transformou num dia inteiro juntos, um único dia que se prolongou numa vida inteira. A minha fúria, a raiva, começam a derreter.

Eu queria oferecer um presente especial aos meus pais na minha formatura, algo físico, para eles pendurarem numa parede lá de casa, algo que pudesse dar origem a uma conversa sobre o meu doutoramento. Escolhi o Luke como fotógrafo porque o preço era baixo e o estúdio ficava perto do meu apartamento. Começámos a conversar durante a sessão. Ele estava a tentar fazer com que me descontraísse à frente da máquina e acabou por me convencer a contar-lhe por que razão comecei a chorar enquanto me fotografava.

Por isso contei-lhe.

Contei ao Luke como, depois de defender a minha dissertação e de receber o diploma, ofereci uma cópia aos meus pais. Eles olharam para ela, leram o título na capa e pararam por ali. Contei-lhe como a minha mãe disse a coisa certa. «Bem, Rose, parabéns por teres conseguido alcançar um feito tão importante. Agora temos uma doutora na família!» Mas sob as suas palavras percebi que ela não sabia bem o que pensar do tipo de doutora em que me tinha tornado. Que os meus pais tinham dificuldade em entender por que razão queria eu um doutoramento quando uma licenciatura chegava perfeitamente, principalmente porque o meu pai, que é carpinteiro, nunca teve oportunidade de ir para a universidade. Contei-lhe como, apesar de eu e os meus pais sermos próximos, nos víssemos e falássemos com regularidade, não conversávamos muito sobre a faculdade. Sempre que falava do que estava a estudar, principalmente com a minha mãe, ela inicialmente ouvia com interesse, mas depois a atenção dispersava-se e, um pouco constrangida, dizia qualquer coisa como: «Nem sequer entendo metade das palavras que tu dizes, Rose.» Contei ao Luke o quanto amava os meus pais e como eles me amavam também, como desejava que conseguíssemos conversar sobre aquela parte tão importante de quem eu era, mas como esta ligação se revelou sempre tão fugidia. Eu queria encurtar a distância que nos separava, por isso estava lá, no estúdio dele, a tirar uma fotografia, como se ela conseguisse, de alguma forma, diminuir esse fosso entre nós.

— Tenho uma ideia — disse o Luke, quando cheguei ao fim da minha história.

Pegou na capa e pendurou-a no armário, pousou o chapéu na cadeira e pediu-me que o levasse à universidade em que tirei o doutoramento.

— Está bem — respondi, a pensar *Porque não?*

A tarde estava boa, não maravilhosa, um pouco fria e cinzenta, mas sem chuva. O Luke disse-me que as nuvens proporcionavam uma luz melhor para fotografia do que o sol a brilhar. Quando chegámos ao *campus*, senti-me um pouco constrangida por andar com ele por ali.

— Quero que me mostres tudo — assegurou-me. — Todas as salas de aula, o teu lugar favorito na biblioteca, o teu banco preferido no recinto, a sala onde defendeste a dissertação. Quero que me faças uma visita guiada da experiência de doutoramento da Rose e por que razão a adoraste tanto.

Quanto mais tempo ali passámos e quanto mais conversámos, mais consegui esquecer que o Luke andava a tirar fotografias. A sessão durou quatro horas e transformou-se num jantar — paguei eu. Insisti em pagar.

Há fotografias minhas desse dia a percorrer o corredor do meu departamento, os olhos a observarem a estante que tem as monografias dos professores; de mim a abraçar a minha dissertação na sala onde a defendi, a procurar por entre os livros de sociologia na biblioteca, uma foto feliz onde estou com o presidente do júri que me avaliou. São fotografias engraçadas, descontraídas e representam-me na perfeição. Quando as vi mal pude acreditar. O Luke compilou as melhores num álbum com a inscrição: *Para os meus pais, com amor, Doutora Rose Napolitano*.

A minha mãe e o meu pai sentaram-se no sofá com o álbum entre o colo dos dois. Fizeram-me perguntas sobre cada uma das fotografias e eu expliquei-lhes tudo.

— Esta é a minha favorita, querida — disse o meu pai, a apontar para a fotografia onde estou com o presidente do júri. — Talvez possamos tirar esta e emoldurá-la, para pendurar na parede da sala.

Convidei o Luke para jantar uma segunda vez, para lhe agradecer o trabalho que teve ao fazer algo tão especial para mim, por ajudar os meus pais a entenderem melhor a pessoa em que a filha se tornara. E, enfim, também porque queria voltar a vê-lo. Quando lhe contei quanto os meus pais tinham gostado do álbum, como me fizeram tantas perguntas sobre o doutoramento, o Luke assentiu.

— Eu nunca gostei muito de retratos — disse ele. — Acho que as melhores fotografias são aquelas em que estamos a viver e a existir simplesmente nos lugares onde nos sentimos mais como nós mesmos. E o sítio onde pareces ser mais como tu própria é na universidade, Rose.

Naquele momento olhei para o Luke. E já o amava.

...

O LUKE PÕE UM ÚLTIMO PAR DE CALÇAS DE GANGA POR CIMA do resto da roupa e fecha a mala.

— Onde vais? — consigo perguntar. As palavras estão secas e agarradas à minha garganta. O meu corpo está abatido, tudo se curva em direção ao chão, os ombros inclinam-se para a frente, o pescoço dobra.

Ele está a olhar para a mala, para o brilho do vinil azul-marinho.

— Não sou capaz, Rose, não sou mesmo capaz.

— Não és capaz de quê?

— De continuar. Neste casamento.

Endireito-me então, o movimento é súbito, os joelhos, os ombros, todas as vértebras da minha coluna, os cotovelos estendem-se, assim como os pulsos e os dedos.

— Vais deixar-me por causa de um frasco de vitaminas?

Ele vira-se para mim e os seus olhos são aguçados como punhais. No último ano vi este olhar muitas vezes. É uma expressão de retidão moral, de determinação, da tragédia que é casar com uma mulher que se recusa a todo o custo a ter um filho.

Percebo agora que o custo que tenho de pagar é o Luke.

— Não. Vou deixar-te porque quero ter um filho, tu não e não sei como resolver este impasse.

— Nós costumávamos entender-nos — digo, com uma voz vazia. Derrotada. — Tu costumavas entender-me.

O Luke engole seco e a seguir abana a cabeça quase impercetivelmente.

Levanta a mala da cama e pousa-a no chão com um baque sonoro. Depois puxa a pega, inclina a mala e passa por mim ao sair do quarto.

Vou atrás dele, não sei se caminho ou se flutuo, o meu corpo e o meu cérebro estão separados um do outro. Mas movimento-me, disso tenho a certeza. Mexo-me enquanto o Luke se mexe, atravesso a sala, passo pela ilha comprida da cozinha que construímos há dois anos porque adoro cozinhar, porque precisava de mais espaço para cortar e preparar coisas.

O Luke chega finalmente ao corredor curto em frente da porta. Calça-se, leva a mão à fechadura e abre-a com um ruído metálico duro.

— Adeus, Rose — diz, de costas para mim, a camisola de manga comprida azul-claro como uma bandeira de rendição, a sinalizar que este é o fim. A batalha acabou.

— Onde vais? — pergunto novamente.

— Não importa — é a única coisa que me diz.

Depois, fico a olhar para o Luke enquanto ele sai pela porta alta de

metal do nosso apartamento, enquanto ela se fecha a seguir. Ouço o som do trinco, ouço o elevador a subir até ao nosso piso, o deslizar da porta ao abrir. Ouço os passos do Luke a entrar, o som a descer até ao átrio, seguido por um silêncio calmo e interminável. Não há mais passos, não há mais ruídos, não há malas a deslizar sobre o chão de madeira ou os corredores de betão. Ouço o barulho de estar sozinha, de ter sido deixada por um marido, de ter ficado só com o trabalho. Este é o som de quem não é mãe, de quem recusa a maternidade, é a antítese do ruído da vida que tenho pela frente. Demoro muito tempo a habituar-me a ele.

Quatro



22 DE SETEMBRO DE 2004

ROSE, VIDAS 1-9

— **P**reciso de falar contigo sobre uma coisa, Rose. O Luke diz isto depois de levar um pedaço de *sushi* de atum à boca, a mastigar, com os pauzinhos já pousados noutra peça. Estes rolinhos de atum são os seus favoritos. Picantes e estaladiços, moles, com atum dentro ou atum fora, por vezes encomenda só rolos de atum. «Uma dose picante, uma normal, outra normal», diz para o empregado de mesa. Faço sempre troça dele por causa disto e a seguir rimo-nos. É uma daquelas coisas parvas que acabamos por adorar numa pessoa, só porque ela é também quem mais amamos no mundo.

Estou tão concentrada no meu próprio *sushi* — tenho muitas peças de salmão, algumas de enguia, outras de olho-de-boi — que o tom sério do Luke nem sequer me chama a atenção.

— Tens de partilhar algumas peças de atum comigo — digo, distraída com os pauzinhos a apontar para a comida dele. — Tens, sei lá, vinte peças?

O Luke pega numa peça picante e crocante e pousa-a no meu prato.

— Ouviste o que eu disse, Rose?

Sorrio.

— Hum, se calhar? — Estou descontraída, a apreciar este jantar de celebração. Na semana passada, o Luke vendeu a sua primeira fotografia para um jornal com tiragem nacional. Desde então, começaram a chover convites para projetos importantes. — Desculpa, de que queres falar?

— Tenho andado a pensar muito em filhos — diz ele.

Recuo na cadeira com um movimento súbito.

— Filhos? — Estou chocada, como se a mera menção de semelhantes criaturas fosse o mesmo que ver um unicórnio no meio dos restantes clientes do restaurante. Inacreditável.

O Luke pousa os pauzinhos sobre a minúscula taça do molho de soja.

— Achas que um dia podes mudar de ideias em relação a termos um filho? Sabes, para termos mais alguma coisa na nossa vida além do trabalho e dos amigos? Pensei que talvez pudéssemos, hum, voltar a falar nisso.

Di-lo de forma hesitante, com um tipo de construção frásica que, se fosse escrito por um dos meus alunos para um artigo, eu assinalaria e aconselharia uma revisão para tornar o texto mais claro.

O pior é que detesto que me façam perguntas desta forma.

O Luke sabe quanto o detesto.

Sempre que digo às pessoas que não quero ter filhos, que eu e o Luke não estamos a planear criar uma família, recebo sempre este olhar. Depois dizem-me qualquer coisa condescendente, como que só vou poder descobrir o meu verdadeiro propósito na vida depois de ser mãe. Como se as mulheres fossem, por definição, apenas potenciais mães. Como se para crescer enquanto mulher fosse obrigatório tornar-me simultaneamente mãe, numa espécie de condição genética que só aparece quando se atinge uma certa idade. As mulheres acabam sempre por se aperceberem de que o instinto maternal esteve sempre ali, só ainda não se tinha manifestado.

Fico furiosa com isto.

As pessoas nunca dizem este tipo de coisas ao Luke.

Levanto as sobrancelhas, sinto-as a chegar ao cimo da testa.

— Mudar de ideias em relação a termos um filho? — A minha voz eleva-se uma oitava. — Mas tu conheces-me? — Solto uma gargalhada. A minha piada não surte efeito. Volto a reparar como o Luke está sério. — Porquê, *tu* mudaste de ideias em relação a isso?

Ele demora muito tempo a responder. O tempo suficiente para o meu estômago sentir que está em mar alto, para pousar os pauzinhos também, demasiado depressa, e um deles cai ao chão. Nem me dou ao trabalho de me curvar para o apanhar.

— Bem, tenho andado a pensar e acho que talvez queira ter um filho — diz o Luke.

Os meus lábios afastam-se. A respiração começa a deixar-me a língua e os dentes secos.

— Talvez queiras?

Ele encolhe os ombros.

— Preocupa-me que, quando formos mais velhos, venhamos a arre-
pender-nos por não termos tido um filho. — Diz isto muito devagar, pro-
nunciando cada uma das sílabas com cuidado.

O empregado aproxima-se e pousa outro par de pauzinhos na mesa. Sinto o corpo a aquecer. Não sei o que lhe hei de responder. Ou, melhor, sei, mas se disser em voz alta o que estou a pensar, vai dar origem a uma discussão.

Mas depois, vejo a tristeza no rosto do meu marido e estendo o braço por cima da mesa.

— Sabes o que sinto acerca disto, Luke. Não quero acabar esta noite a discutir. — Fito os olhos dele. — Amo-te tanto.

— Rose — o Luke suspira tão pesadamente que temo que se abata sobre a mesa. — Eu também não quero discutir.

O que queria dizer de verdade é que não me apetece falar mais disto. Mas o Luke entende algo completamente diferente.

— Podes só pensar no assunto? Em termos um bebé? Em mudar de ideias? Porque quando namorávamos e te disse que não queria ter filhos, acreditava mesmo que era a verdade. Nunca me ocorreu que este sentimento pudesse mudar. Mas depois o Chris teve o bebé — continua o Luke, a explicar como ver o seu melhor amigo da faculdade a tornar-se pai teve um efeito tão forte sobre si. — E, depois, tenho andado a fazer sessões fotográficas com outros amigos que agora vão ter filhos. E só consigo pensar em como seria ter um bebé contigo, Rose. Não seria maravilhoso conhecermos o nosso filho? Não achas que juntos teríamos um bebé incrível?

Não, não, não. Porque eu nunca quis ter um bebé.

— Não queres isso também?

Não. Nem pensar. Nunca.

Estou a esforçar-me muito para escutar o meu marido, por entender os seus argumentos para ter mudado de ideias. E parecem-me ser argumentos perfeitamente válidos. São válidos. Consigo entender como podemos acreditar numa coisa quando temos vinte e poucos anos e, à medida que a vida avança e evolui, passarmos a acreditar em algo completamente diferente.

O problema é que, claro, o Luke precisa que entenda os seus motivos a tal ponto que, também eu, renegue as minhas razões e faça exatamente o oposto do que quero. Para o Luke poder realizar a sua nova esperança de ter filhos preciso de me tornar na pessoa que os vai ter com ele.

Devia ter percebido que esta conversa um dia iria acontecer. Já vi sinais

dela antes de hoje. Estavam praticamente a piscar à minha frente. Mas o que tinha feito? Fechei os olhos para não os ver, foi o que fiz. Mas depois, a mudança no Luke foi gradual. Subtil o suficiente para me permitir viver em negação — e eu vivi. Já andava a fazê-lo há algum tempo. O Luke falava de filhos de forma indireta, referia-se à questão como uma realidade suficientemente afastada da nossa, para eu poder decidir ignorá-la — e ignorei. Mas era a mesma coisa que alguém decidir ignorar que tinha um cancro a espalhar-se pelo corpo e esperar que a doença não o matasse.

Recordo-me de quando eu e o Luke estávamos a passear de mãos dadas em Trastevere, em Roma. Desfrutávamos umas férias muito desejadas. Os restaurantes com esplanadas adoráveis ladeavam as ruas em socalcos, as pessoas bebiam vinho e comiam pratos de massa deliciosa. Estava calor e húmido, mas não me incomodava. Eu e o Luke estávamos sempre a dar encontrões, daquela forma agradável que os casais têm quando passeiam juntos, sem pressas, a apreciar a tarde.

O apartamento onde ficámos era minúsculo, no cimo de um edifício, junto ao telhado. Era praticamente uma varanda e adorámos o espaço. Naquela altura, estávamos casados há alguns anos e era bom podermos fazer uma pausa no trabalho sem termos mais obrigações senão relaxar na varanda com livros e revistas, comer e beber toda a tarde até estarmos cheios, zonzos e satisfeitos. Naquele dia, ao início da tarde, estava deitada à sombra a ler um livro, quando o Luke veio juntar-se a mim. O beijo que me deu transformou-se numa sessão de amassos que, por sua vez, se transformou em sexo. Inicialmente ainda nos preocupámos que alguém nos visse, mas depois abandonámos a preocupação.

Fez-me sentir que estávamos novamente em lua de mel.

— Devíamos fazer isto mais vezes — disse-lhe, enquanto passeávamos pela rua. Eu e o Luke não estávamos tão próximos há muito tempo. Ia a pensar que tinha sido exatamente para isto que marcámos a viagem, para nos aproximarmos, para fazermos amor a meio do dia se nos apetecesse — para que talvez nos *apetecesse* fazê-lo. — Devíamos fazê-lo, sei lá, todas as tardes enquanto aqui estivermos.

Os olhos do Luke brilharam.

— Os vizinhos são capazes de não gostar muito.

— Podemos ser discretos. Fomos discretos!

— Temos de ser mais, então — disse ele, mas vi que gostou da minha sugestão. Que a adorou.

Olhámos para o menu de um dos restaurantes de rua, lemos,

avançámos, olhámos para outro. O meu estômago já estava a pedir o prato de massa da tarde, a garganta ansiosa pelo vinho que íamos beber.

Depois:

— Olha para ali — disse o Luke. Estava a apontar para um grupo de crianças, todos rapazes, talvez com sete ou oito anos, a jogar à bola no meio da rua.

— Os miúdos nos Estados Unidos já não fazem isto. Já não brincam assim.

— Acho que não — disse eu.

Não acrescentei mais nada.

O Luke parou em frente a um banco.

— Queres sentar-te?

— Pode ser — respondi, embora quisesse mesmo comer.

Uma onda débil de ansiedade entrou na minha corrente sanguínea assim que o Luke começou a falar dos miúdos que jogavam à bola. Os pais dele já andavam a pressionar-nos para termos filhos — e quanto mais tentava desvalorizar, mais eles insistiam com o Luke. Ele andava há algum tempo a fazer-me queixa deles, de como estavam a ser insistentes, mas, a certa altura, os relatos destas conversas acabaram. Inicialmente pensei que tinha conseguido chamar os pais à razão, que tinham desistido e que decidiram respeitar a nossa decisão de não termos filhos — desde o início que sabiam que não fazia parte dos planos, mesmo antes de eu e o Luke nos casarmos.

O que nenhum de nós percebeu na altura foi que os pais do Luke não acreditavam que estávamos a falar a sério. Achavam que íamos acabar por mudar de ideias. Penso que a mãe do Luke, a Nancy, presumiu que seria eu a querer ter um bebé e sempre que os visitávamos ela falava-me do assunto, como se estivesse a convencer-me. Só que eu encerrava sempre a conversa, explicava-lhe — forçosa e veementemente — que não, *não* era uma possibilidade, não estava aberto a discussão. Quando perceberam que eu não cedia, ela e o marido, Joe, começaram a pressionar o filho.

Nos primeiros tempos foi um alívio para mim. Pensei que preferia que o Luke fosse o sujeito dos seus discursos sobre as alegrias da paternidade. Mas, algum tempo depois, comecei a questionar-me se todos os argumentos e a pressão dos pais não estavam a fazê-lo mudar de ideias.

Ele começou a apontar para as crianças que via à nossa volta, para os pais, o que faziam, como interagiam, tecia comentários, tentava que eu comentasse também. Tentava iniciar conversas sobre crianças, educar crianças, como os pais criavam os seus filhos. Como se comportavam as crianças? Eu concordava com a forma como aqueles pais estavam a falar com os filhos, permitindo-lhes as birras?

Quando o Luke fazia isto sentia que ele andava à pesca, atirava a linha para o meu corpo, para o meu cérebro, para ver o que conseguia tirar lá de dentro. Eu não gostava que ele andasse a procurar com o seu anzol afiado, a fazer prospeção num lugar que já se sentia completo e instalado. Tinha esperanças de que, se não lhe respondesse, ele acabasse por perceber que toda aquela conversa não daria em nada. Estava determinada a acreditar que o Luke não me faria uma coisa destas.

Ficámos sentados naquele banco durante muito tempo, o Luke a ver as crianças a jogar à bola, eu a olhar para os adultos nos restaurantes a beber vinho e a comer massa. Tentei deter a sensação de desolação que me invadia, mas depois passou uma mãe com um bebé preso ao peito, depois outra com duas crianças, uma em cada mão. Subitamente, via mães e bebés em todo o lado e tive de fechar os olhos.

— Gostavas mais de criar um filho aqui em vez de nos Estados Unidos?
— perguntou o Luke. — Sabes, se tivéssemos um filho. Em teoria?

Sempre que ele fazia algo parecido com isto, o efeito em mim era imediato — fechava-me por completo, a tarde de amor na varanda desapareceu da minha memória e foi substituída pela vontade de estender o braço para enxotar o Luke. Ele não tinha noção de como isto me afastava dele? Que o motivo pelo qual não tínhamos mais tardes agradáveis com sexo descontraído era exatamente este? Como não reparava ele que eu estava a obrigá-lo-me a distanciar-me dele? O que estava ele a fazer-me — a fazer-nos?

Abanei a cabeça, mas não lhe disse o que estava a pensar. *Não, porque não quero criar filhos em lado nenhum e tu sabes bem disso, porque sabes que não os quero ter. Ponto final.*

— Talvez se saíssemos da cidade fosse diferente — insistiu ele. — Talvez fosse mais fácil. Sabes, se vivéssemos numa cidade como aquela em que crescestes.

Continua a ser não.

— Hum.

Recusei-me a dar-lhe uma resposta real. O Luke sabia como me sentia e não precisava de o repetir. Pelo menos, pensava que não precisava.

Presumo, então, que estava enganada.

— NÃO TENHO A CERTEZA SE A FOTOGRAFIA É SUFICIENTE para a minha vida ser preenchida — diz o Luke. — Entendes?

Assinto, mas é uma manifestação interior. Por dentro, estou a abanar a

cabeça desde que ele começou a falar. *Não, não, não. Não entendo. E Pensei que eu era suficiente para ti, Luke.*

O rosto do Luke anima-se, *ilumina-se*. Parece conseguir respirar novamente.

— Fico tão contente por entenderes, Rose. Que estejas aberta a pensar acerca disto.

Arregalo os olhos.

— Pronto, está bem — afirmo, estupidamente. — Vou pensar — digo. *Não. Não. Nunca.*

— Obrigado — diz ele, acabando a última peça de atum. — *Obrigado.*

Entretanto, o meu *sushi* ficou por comer. Volto a assentir, mas é quase impercetível. Quase não consigo mexer-me. Acho até que sou capaz de vomitar.

— Então, achas que tens uma boa hipótese de conseguir o subsídio, é? — pergunta ele com alegria, mudando de assunto. — Isso é maravilhoso!

Procuro pelas palavras. Até que as encontro.

— Sim. Parece que sim. Seria ótimo. — Sinto-me como um *robot*.

A nossa conversa continua, manca do meu lado, com o Luke a fazer todo o esforço para a manter viva. Depois de pagarmos a conta e irmos para casa, o Luke fala sobre o trabalho, sobre uma viagem que vai ter de fazer a Boston, no fim da semana, sobre o quanto adora o atum daquele restaurante, que é sempre tão fresco.

— Fico feliz por termos conversado, Rose — diz ele quando vamos para a cama.

Fito-o. Consigo ver o canto da fotografia que ele tem na mesa de cabeceira, o arco do corpo deitado dele a cortar o meu rosto feliz na imagem. Ele fica à espera de que eu diga alguma coisa. Que concorde com ele, presumo. Mais uma vez, a única coisa que consigo fazer é assentir debilmente antes de desligar a luz. Os meus olhos continuam abertos na escuridão. Sinto-me sozinha e tenho o Luke deitado mesmo ao meu lado. Como se o nosso futuro estivesse determinado, como se já nos tivéssemos desiludido mutuamente e ele já estivesse longe de casa.

Cinco



2 DE FEVEREIRO DE 2007

ROSE, VIDA 1

— **P**rofessora Napolitano?
— Sim? — Paro de guardar folhas e livros na secretária e levanto os olhos até à frente da sala de aulas. Acabei de dar uma aula sobre metodologias feministas na sociologia. Tenho vinte alunos inscritos, quase todos mulheres, ansiosas por aprender, dedicadas e honestas. Por vezes tenho vontade de as reunir numa bolha e gritar palavras de encorajamento e força antes de as deixar sair para o mundo menos sincero que existe para lá da sala de aulas.

A minha aluna Jordana está à minha frente a falar.

— Estava a questionar-me o que pensa de...

Ouço as suas palavras, mas não as ouço, não o suficiente para entender o significado. Estou a pensar no Luke, no nosso casamento, no facto de ele ainda não ter voltado para casa e de como este dado paira sempre sobre mim no instante em que as aulas acabam, assim que as distrações terminam. Estou sempre a pensar nisto.

A Jordana franze a testa enquanto espera pela minha resposta, mas não faço ideia do que me perguntou. Os seus olhos de coruja são grandes, atrás das armações dos óculos igualmente grandes.

— Professora?

Viro-me para as janelas da sala para quebrar o olhar fixo dela, a fim de me recompor. Os ramos despidos de um bordo, outrora vermelhos com as cores do outono, estão encostados ao vidro da janela, o ar sombrio e cinzento das nuvens carregadas de chuva enche o resto da vista. O pai da

Jordana morreu no ano passado. Lembro-me de quando aconteceu, como depois consegui ver nos seus olhos a morte do pai, como um espinho mesmo no centro da pupila. Mágoa, perda, dor e a necessidade de aguentar todas as emoções.

Obrigo-me a olhar novamente para ela. Ali está, ainda consigo vê-la. A tristeza. Uma adição permanente, mesmo quando a Jordana está entretida com outras coisas, como a nossa aula.

Será que também tenho esta expressão no rosto?

— Sente-se bem? — pergunta-me.

Abro a boca. Fecho-a. Não sei o que dizer.

A Professora Napolitano não se sente bem. A Professora Napolitano vai para o seu gabinete todos os dias, depois das aulas, fecha a porta suavemente e chora sentada à secretária. Começou a esconder grandes caixas de lenços de papel dentro das gavetas fundas. Não, não são aquelas caixas baixas, quadradas e pequenas concebidas para uma mera hora de aflição. Estamos a falar de caixas retangulares de tamanho industrial, que deviam vir com instruções escritas em letras garrafais: A COMPANHIA PERFEITA PARA QUANDO O SEU MARIDO A DEIXAR.

— É muito simpático perguntar como estou, Jordana. Mas estou bem. — *Não estou. Não estou nada bem.* — A sério, obrigada. O que estava a dizer antes?

UM POUCO MAIS TARDE ESTOU SENTADA NO MEU GABINETE, A ler os ensaios dos alunos e a dar o meu melhor para me concentrar, quando o número do Luke aparece no telemóvel.

Atendo rapidamente.

— Olá — digo, um murmúrio que mal se ouve.

— Olá, Rose — diz ele, com a mesma suavidade.

— Como estás? — pergunto.

— Está tudo bem. E *tu*, como estás?

Hesito. Depois respondo:

— Tenho saudades tuas.

— Eu sei. — Ele hesita. — Eu também tenho saudades tuas.

— Tens?

Faz-se silêncio do outro lado da linha.

E espero. Espero que o Luke me diga que sim. Sim, Rose, tenho tantas saudades tuas. Sim, Rose, percebi que não posso viver sem ti. Sim, Rose,

vou voltar para casa, não consigo esperar nem mais um dia. Quero que o Luke volte a ser o homem que era antes, o homem que só precisa de mim e não de um bebê também, o homem com quem pensei que tinha casado. Quero tanto que isto aconteça. Por isso, continuo à espera de que ele volte para mim, para a Rose que ele costumava amar tanto. Continuo aqui, estou mesmo aqui.

No último mês de agosto, depois de o Luke sair de casa, percorri todos os preparativos e ações necessárias para começar o semestre escolar, preparei os manuais, certifiquei-me de que os mandei copiar antes do primeiro dia de aulas, dia em que a fotocopidora avaria inevitavelmente, várias vezes seguidas. Comecei a dar aulas, continuo a dar aulas, ando entre o nosso apartamento vazio e o meu gabinete para depois regressar todas as noites para a cama vazia. Depois, este janeiro, voltei a fazer a mesma coisa. Compus os manuais, mandei copiá-los. Continui à espera de que eu e o Luke encontrássemos uma maneira. Fevereiro começou, mais um novo mês, e continuamos sem encontrar solução. Ainda não.

Já regresssei tantas vezes à nossa discussão e às vitaminas, revi tudo na minha cabeça, de cada vez fazendo qualquer coisa ligeiramente diferente, o que sempre provoca um resultado um pouco diferente também. A maior parte desses resultados mostram-me o Luke a ficar em casa. Mas em quase todas as minhas repetições, o motivo que leva o Luke a ficar em casa, a razão pela qual ele não me deixa, é porque eu capitulei. Peço desculpa, tomo as vitaminas, depois temos o bebê que ele sonha ter.

Mas seria isso o que faria? De verdade que o faria? Seria capaz de fazer isto a mim mesma em troca da permanência do meu marido em casa?

Talvez. Talvez fizesse. Talvez devesse fazê-lo.

A resposta do Luke surge depois de uma longa espera e de um suspiro pesado.

— Tenho de te contar uma coisa, Rose.

O meu estômago contorce-se num nó. As palavras são muito semelhantes às que me disse quando me contou que queria um filho. O som da sua voz — gentil, mas firme, triste, mas determinado — assusta-me. Não consigo falar. Conheço esta voz. É *aquela* voz. A voz que ele usa para me revelar coisas.

Então o Luke diz:

— Eu conheci uma pessoa. Comecei a namorar.

— Namorar? — Ao dizer esta palavra simples sinto que se aloja na minha garganta uma gigantesca bola de aço.

— Sim.

— Com quem?

— Isso não importa.

— Não importa como? Estás apaixonado por ela? — A bola comprimiu-se contra a parte de trás da garganta.

— Não sei, Rose. A única coisa que sei é que quero um filho com a mesma intensidade com que tu não queres. E quero encontrar alguém que queira ter esse filho comigo. E esta pessoa quer.

— Mas...

— Tu não queres ser mãe, não de verdade, e ambos sabemos disso — diz o Luke. — Iria fazer-te infeliz. Disseste-o um milhão de vezes.

Ele tem razão. Disse mesmo. Pelo menos um milhão de vezes.

Começo a chorar.

O Luke também chora. Consigo ouvi-lo do outro lado da linha.

— Mas disse-o antes de saber que isso implicaria perder-te — murmuro. Consigo ouvi-lo a respirar, a pensar.

— Sei que neste momento não acreditas em mim, mas um dia vais acordar e ficar feliz por eu ter ido embora. — O tom dele é lamentoso. Funga. — Eu não sou bom para ti. Há muito tempo que não sou bom para ti. E tu vais ficar bem. Vamos ficar os dois bem.

— Não.

— Sim.

— Nunca vou ficar feliz por teres ido embora — digo, depois de um longo silêncio. — Nós somos o amor da vida um do outro. Sabemos disso desde que nos conhecemos.

— Sim — diz ele, com a voz a quebrar-se. — Eu também sempre pensei que era assim. Sabes que pensei.

Pensei. Pretérito passado.

— Não quero desistir de ti, Luke.

— Eu também não quero. Mas tem de ser. E estou a desistir.